

O HUMOR NA TRADUÇÃO¹

Jeroen Vandaele¹

¹Ghent University, Ghent, Belgica.

Tradução de Tiago Marques Luiz²

²Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

Resumo: Este artigo tem como intuito mostrar ao tradutor as dificuldades em como traduzir o elemento humorístico do texto-fonte para a língua-alvo, uma vez que não se trata apenas de uma questão de transposição de significado, e sim de elementos culturais – como os aspectos sociolinguísticos de um determinado grupo – que estão envolvidos no processo. Além disso, são elencadas algumas teorias pertinentes à linguagem do humor e como o tradutor, enquanto mediador textual, lida com esses aspectos para torna-los cômicos como no texto-fonte.

Palavras-chave: Humor; Tradução; Riso; Teorias do humor

¹ Capítulo publicado no primeiro volume do livro *Handbook of Translation Studies*, editado por Yves Gambier e Luc van Doorslaer, publicado pela John Benjamins. A presente tradução foi autorizada para ser publicada em português pela Editora John Benjamins (John Benjamins Publishing House, <https://benjamins.com>) e pelo autor Jeroen Vandaele, a quem agradeço imensamente. Referência original deste capítulo: Vandaele, Jeroen. “Humor in Translation.” In: Gambier, Yves; van Doorslaer, Luc. *Handbook of Translation Studies*, 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011: 147-152. Além do agradecimento ao professor Vandaele, estendo meus agradecimentos ao Professor Luc van Doorslaer, editor da coleção *Handbook of Translation Studies*, a qual é publicada pela John Benjamins, e pelo norteamento para que o trabalho atingisse seu objetivo. E finalmente, à Sra. Ineke Elskamp, coordenadora da Seção de Direitos e Permissões da John Benjamins, que me permitiu realizar a tradução, com a ressalva da devida referência do texto.



HUMOR IN TRANSLATION

Abstract: This paper aims to show to the translator how to translate the humorous element of the source-text into a target language, since it is not only a matter of transposition of meaning, but of cultural elements - such as sociolinguistic aspects of a group that are involved in the process. In addition, we bring some relevant theories concerning the language of humor and how the translator, as a textual mediator, deals with them to make comic as in the source text.

Keywords: Humor; Translation; Laughter; Theories of humor

1. Humor

À primeira vista, o humor é fácil de definir. Humor é tudo aquilo que causa diversão, alegria, sorriso espontâneo e riso. E o humor, ao que parece, é um fenômeno distintamente humano, “pour ce que rire est le propre de l’homme” (pois rir é o próprio do homem), na frase de François Rabelais. No entanto, a pesquisa moderna não confirma essa simplicidade *prima facie*. Embora o humor esteja intimamente relacionado ao riso, não é verdade que o humor e o riso sejam igualmente apropriados ao homem. Um breve caminho para elucidar o conceito de humor é precisamente analisando a sua relação com o riso.

Em primeiro lugar, cabe notar que o riso - diferentemente do humor - não requer uma mente humana desenvolvida que pense em símbolos. “Em termos de desenvolvimento, o riso é uma das primeiras vocalizações sociais (depois do choro) emitidas por bebês humanos” (Martin 2, tradução minha²). E há evidências, *pace* Rabelais, de que alguns primatas também conhecem algumas formas de riso (Martin; Deacon). Eles emitem sinais parecidos com o riso que convidam para o jogo social. Deacon acrescenta que o riso é origi-

² Original em inglês: “Developmentally, laughter is one of the first social vocalizations (after crying) emitted by human infants”.

nalmente uma chamada animal primitiva e contagiosa associada ao jogo social. Se um animal de um grupo produz tal chamado, outros o repetirão automaticamente (por contágio), induzindo uma resposta coletiva e humor. Assim, o riso deve ter desempenhado “um papel importante na manutenção da coesão e identidade do grupo durante uma fase importante da evolução dos hominídeos³”, “promovendo a experiência emocional compartilhada” (Deacon 419, tradução minha⁴). É óbvio que o humor também é uma forma de jogo social. Em humanos completos, como Deacon supõe, o riso de alguma forma foi “capturado” pela mente simbólica (e pelo córtex pré-frontal do cérebro humano) para produzir o fenômeno do humor:

Um chamado [isto é, o riso] que pode ter sido primariamente selecionado [evolutivamente] por seu papel como um sintoma de “recodificar” ações potencialmente agressivas como brincadeiras sociais amistosas parece ter sido “capturado” pelo processo de recodificação similar implícito [dependente do símbolo] no humor [...]. Em ambas condições, o insight, a surpresa e a remoção de incerteza são componentes críticos. (Deacon 421, tradução minha⁵).

Em animais (e hominídeos), o riso se relaciona com a surpresa, a incerteza e a brincadeira em um mundo não (ou apenas) articulado por símbolos. Nos seres humanos, o riso relaciona-se à surpresas, incertezas e insights simbolicamente criados e mediados - ao humor.

³ Original em inglês: an important role in the maintenance of group cohesion and identity during a major phase of hominid evolution.

⁴ Original em inglês: “promoting shared emotional experience.

⁵ Original em inglês: A call [i.e., laughter] that may primarily have been [evolutionarily] selected for its role as a symptom of “recoding” potentially aggressive actions as friendly social play seems to have been “captured” by the similar recoding process implicit in [symbol-dependent] humor [...]. In both conditions, insight, surprise, and removal of uncertainty are critical components.

Essas descobertas e hipóteses mostram que o humor está ligado a muitos aspectos do ser humano. Por um lado, o humor tem ligações com partes primitivas do cérebro (Deacon 419): partes associadas à socialização, emoções (compartilhadas) e (redução de) perigo ou hostilidade. Por outro lado, humor não é apenas riso. É o riso que foi captado como uma resposta útil à incerteza, surpresas e insights construídos pela nossa mente simbólica (e pelo córtex pré-frontal capacitador). O humor é, portanto, sem dúvida, uma coisa distintamente humana: nossa mente simbólica pode transformar incerteza, surpresa e perigo no que chamamos de humor. Embora os animais superiores conheçam o jogo social, é óbvio que os humanos são melhores nisso (Goffman), e o humor é um bom exemplo. A multifacetada disposição do humor reflete-se na enorme variedade de teorias de humor existentes (para uma visão ampla, ver Raskin 1-44; Vandaele a; Martin).

As teorias sociais do humor são muitas vezes inspiradas nas filosofias de Thomas Hobbes e Henri Bergson. Essas teorias geralmente definem humor em termos de “superioridade”, “hostilidade”, “agressão”, “depreciação”, “escárnio”, etc., e são, portanto, frequentemente chamadas de “teorias de superioridade”. Elas insistem que o humor muitas vezes ridiculariza uma vítima ou um alvo - o chamado alvo da piada - e produz uma autoestima elevada naqueles que apreciam o humor. O humor promove um tipo peculiar de socialização: explora, confirma ou cria inclusão (ou em grupos), exclusão (fora dos grupos) e hierarquias entre pessoas (entre aqueles compreensivos e os não compreensivos, entre pessoas “normais” e “anormais”, etc.). Por outro lado, argumenta-se que o humor é uma forma atenuada de agressão (Freud). Deacon, por exemplo, também aponta que a incerteza e *sua remoção* são críticas na produção e apreciação do humor.

As chamadas “teorias de incongruência” têm menos interesse nos aspectos sociais do humor e tendem a se concentrar em suas características “cognitivas”. No entanto, uma definição exata e única de incongruência cômica é uma questão difícil. Pode-se dizer, em termos gerais, que a incongruência acontece quando as

regras cognitivas não estão sendo seguidas. Em *Fawlty Towers*⁶, por exemplo, a equipe e a gerência (Manuel, Basil) não se comportam de maneira congruente e, portanto, são cômicos. O conceito de expectativa é frequentemente incluído nas definições de incongruência: incongruências cômicas desrespeitam expectativas que são estabelecidas por meio de regras cognitivas bem conhecidas ou construídas (ver Shultz). Como Deacon indicou, a surpresa é de fato um componente importante do humor.

As teorias da incongruência frequentemente observam que há uma lógica alternativa especial à incongruência do humor (cf. a observação de Deacon de que o insight também é um aspecto crítico do humor). Além de uma configuração de expectativas e um desrespeito, há uma “solução” para a situação ou mensagem inesperada. Isso significa que, apesar de sua incongruência percebida, o humor também é congruente (compreensível) de uma maneira diferente. Um exemplo retirado de Antonopoulou pode ilustrar isso. Em *Trouble is my Business* (1939⁷), a primeira sentença de Raymond Chandler é “Anna Halsey tinha cerca de duzentos e quarenta quilos de mulher de meia-idade e rosto sujo⁸”. Como Antonopoulou observa, existe uma óbvia incongruência nesta engraçada “reversão de substantivo de contagem de massa”, isto é, na expressão “x quilos de mulher”. Existe uma regra cognitiva que diz que *x quilos de* não é geralmente combinada com um substantivo contável como *mulher*. No entanto, a incongruência obviamente tem uma solução significativa: os leitores são convidados a conceituar a mulher como uma massa. Como outro exemplo ilustra, a solução para a incongruência é muitas vezes cognitivamente for-

⁶ *Fawlty Towers* foi uma série de televisão britânica feita pela BBC e veiculada em 1975 pela BBC Two (N. do T.).

⁷ Conto policial de Raymond Chandler, publicado em 1939. Há uma tradução publicada pela Editora Saraiva intitulada *Encrenca é o meu negócio*, feita por Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos e publicada na coleção Saraiva de Bolso (2008) – N. do T.

⁸ Original em inglês: “Anna Halsey was about two hundred and forty pounds of middle-aged putty-faced woman”.

çada (mas localmente relevante em um determinado discurso): “O doutor está em casa?”, perguntou o paciente em seu sussurro brônquico. “Não”, sussurrou a jovem e bela esposa jovem e bonita do médico, “pode entrar” (citado por Raskin 100). No contexto da visita de um médico (o cenário), o comportamento da esposa é forçado, mas compreensível através de uma reformulação radical da situação de ação.

É possível observar, finalmente, que os exemplos de incongruências cômicas também contêm elementos de “superioridade”. Basil, o gerente do Hotel em *Fawlty Towers*, não apenas desrespeita as regras de administração, ele também é inferior a um certo padrão. Com sua inversão de nomes de substantivos de massa contáveis, o narrador de Chandler coloca-se acima de seu caráter e convida o leitor a juntar-se a ele nessa postura superior. E a piada de Raskin cria uma pressão social sobre as capacidades cognitivas do ouvinte: o ouvinte tem que recuperar a superioridade depois de ter sido enganado. Isto mostra que todos os exemplos de humor sempre contêm muitos aspectos relacionados - sociais, emocionais e cognitivos (Vandaele a).

2. A Tradução do Humor

O humor é conhecido por desafiar os tradutores. Muitas vezes, é visto como um caso paradigmático de “intraduzibilidade”: “Quando se trata de traduzir humor, a operação revela-se tão desesperada quanto a de traduzir a poesia” (Diot 84, tradução minha⁹). A relativa ou absoluta intraduzibilidade está geralmente relacionada a aspectos culturais e linguísticos.

Para entender a intraduzibilidade cultural, devemos pensar em nossas caracterizações de humor acima mencionadas. O humor ocorre quando uma regra não é seguida, quando uma expectativa é

⁹ Original em inglês: “When it comes to translating humor, the operation proves to be as desperate as that of translating poetry”

estabelecida e não confirmada, quando a incongruência é resolvida de forma alternativa. O humor produz sentimentos de superioridade que podem ser mitigados se os participantes concordarem que o humor é essencialmente uma forma de jogo social em vez de agressão direta. E o evento humorístico é muito visível devido a correlatos fisiológicos: riso, sorriso, excitação. Por um lado, qualquer falha na tradução será, portanto, muito visível: é óbvio que o tradutor falhou quando ninguém ri do humor traduzido. Por outro lado, o tradutor de humor tem que lidar com o fato de que as “regras”, “expectativas”, “soluções” e acordos sobre “jogos sociais” são muitas vezes específicos do grupo ou da cultura. A paródia, por exemplo, só é acessível àqueles que estão pelo menos vagamente familiarizados com o discurso parodiado. Imitações de sotaques são apenas imitações para quem conhece o original. De modo mais geral,

A [c]omunicação falha quando os níveis de conhecimento prévio mantidos pelo falante/escritor e pelo ouvinte/leitor não são semelhantes. Embora isso seja verdade em qualquer comunicação, o colapso é particularmente óbvio no caso do humor traduzido, cuja percepção depende diretamente da concordância de fatos e impressões disponíveis tanto para o falante/escritor quanto para o ouvinte/leitor (Del Corral 25, tradução minha¹⁰).

O problema particular com a tradução do humor é que o humor depende do conhecimento implícito. Além disso, os grupos podem ter acordos diferentes sobre o que ou quem pode ser alvo no jogo social. Em outras palavras, o humor depende de esquemas

¹⁰ Original em inglês: [c]ommunication breaks down when the levels of prior knowledge held by the speaker/writer and by the listener/reader are not similar. While this is true of any communication, the breakdown is particularly obvious in the case of translated humor, whose perception depends directly on the concurrence of facts and impressions available to both speaker/writer and listener/reader.

culturais *implícitos* (ser violado para propósitos incongruentes; ser conhecido com o propósito de “solução” cômica) e tem suas regras e tabus para direcionar (dizer o que ou quem pode ser ridicularizado). Tymoczko afirma, portanto, que é preciso fazer parte de um “paradigma cômico” para apreciar - e muito menos traduzir - certo humor específico de um paradigma. O problema cultural pode assim tornar-se ético e político: um tradutor pode ser confrontado com o que ele encontra ou assume como humor culturalmente “inadequado”; um regime ou instituição pode censurar ou proibir certos tipos de humor.

Quanto à intraduzibilidade lingüística do humor, os estudiosos apontam problemas enraizados na denotação e conotação linguística (por exemplo, Laurian), as chamadas variedades “letais” da linguagem (dialetos, socioletos, idioletos; ver, por exemplo, (Del Corral), e comunicação metalingüística ou metalingual em que a forma linguística é importante (“jogo de palavras”, “trocadilhos”). Muitos desses problemas não podem ser estritamente separados da intraduzibilidade cultural e representam problemas de tradução fora do humor também. O problema específico com a tradução do humor, entretanto, é que o humor tem uma *propensão* clara para as particularidades (sócio)lingüísticas (termos específicos do grupo e “letos”) e para a comunicação metalingüística. Como forma de jogo, de fato, a comunicação metalingüística tem propósitos humorísticos; e as particularidades (sócio)lingüísticas também podem fortalecer o humor porque ambos os fenômenos consideram, na frase de Deacon, “a manutenção da coesão do grupo¹¹”.

No que diz respeito às particularidades (sócio)lingüísticas, a “denotação” linguística coloca problemas de tradução quando o humor se baseia num conceito ou realidade específico de uma determinada língua. Na próxima comunicação comicamente intencional, por exemplo, os conceitos *Oxbridge* e *dons* – os quais automaticamente apelam para privilegiados e co-constroem o humor – podem dificultar a tradução do humor:

¹¹ Original em inglês: “the maintenance of group cohesion”.

Recentemente, tem havido certa preocupação de que as universitárias não serão tratadas de maneira justa pelos *dons* de St Lucius, a mais recente faculdade de Oxbridge, para se tornarem “incluídas”. Em resposta, o Professor Garfunklestein, professor emérito dos Wessex Studies, argumentou francamente que não haveria discriminação. Ele disse: “Os *dons* tratarão as meninas da mesma maneira que tratam os meninos: elas as molestarão” (Portal NetFunny, online, tradução minha¹²).

A “conotação” causa problemas se um conceito no idioma de origem tiver um valor “letal” diferente do seu equivalente usual no idioma de destino. Eco, por exemplo, aponta os possíveis efeitos irônicos de tais equivalências imperfeitas:

Os franceses educados ainda se dirigem aos motoristas de táxi como *Monsieur*, embora pareça exagerado usar *Sir* em uma circunstância semelhante em, digamos, Nova York. O *Sir* teria que ser mantido se no texto original [*Monsieur*] pois intenciona representar uma relação muito formal, entre dois estranhos, ou entre um subalterno e seu superior, enquanto [*Sir*] parece impróprio (ou até mesmo irônico) em circunstâncias mais íntimas. (Eco 18, tradução minha¹³)

¹² Original em inglês: “There has been some concern recently that female undergraduates will not be treated fairly by the dons at St Lucius, Oxbridge’s latest college to become “mixed.” In reply Professor Garfunklestein, Emeritus Professor of Wessex Studies, argued candidly that there would be no discrimination. He said: “The dons will treat the girls just as they treat the boys: they will molest them”.

¹³ Original em inglês: “Polite French people still address cab drivers as *Monsieur*, while it would seem exaggerated to use *Sir* in a similar circumstance in, say, New York. *Sir* would have to be kept if in the original text [*Monsieur*] is intended to represent a very formal relationship, between two strangers, or between a subaltern and his superior, while [*Sir*] seems improper (or even ironical) in more intimate circumstances”.

Inversamente, a ironia e a comédia que derivam de incongruências de registro (alguém que diz “*Sir*” em um táxi de Nova York) não estão prontamente disponíveis em francês (na forma de alguém que diz “*Monsieur*” em um táxi em Paris). Em um nível discursivo mais amplo, um texto-fonte cômico pode conter (choques entre) registros, dialetos, socioletos e idioletos que não têm equivalente direto na língua alvo. De fato, qual poderia ser o equivalente francês do inglês da rainha? Como deve o tradutor francês de *A Fish Called Wanda* abordar a comédia derivada deste e de outros socioletos ingleses?

Estes problemas significam coisas diferentes para os tradutores e as várias tradições de pesquisa em tradução. Em primeiro lugar, tradutores e pesquisadores prescritivos tendem a perguntar: “Como traduzir bem?¹⁴”. “Bem¹⁵”, aqui, geralmente é determinado por uma leitura fiel do texto alvo. “A questão é¹⁶”, diz von Stackelberg (12, tradução minha), “o tradutor deveria nos fazer rir de suas próprias ideias e não das do autor? Nós não achamos isso?¹⁷”, ele responde a si mesmo. Isso exerce uma pressão considerável sobre o tradutor e, muitas vezes, leva ao pessimismo, isto é, à aceitação da intraduzibilidade. Em segundo lugar, os Estudos Descritivos de Tradução* tendem a perguntar: “Está traduzido?” e “Como se traduz?”. A resposta a essas perguntas informa o pesquisador sobre as relações entre culturas, grupos, sistemas e tradutores. Quando a tradução é difícil, os estudos descritivos estarão interessados em soluções que digam algo sobre o contato entre essas culturas, grupos e agentes. Observarão, por exemplo, que o humor pode ter várias funções textuais e ideológicas que merecem ser levadas em conta. Uma comparação descritiva entre um texto-fonte e um texto-alvo não verá o humor como uma categoria homogênea (“o que causou o riso”), mas estudará seus aspectos cognitivos, emo-

¹⁴ Original em inglês: “How to translate well?”

¹⁵ Original em inglês: “Well”

¹⁶ Original em inglês: “The question is,”

¹⁷ Original em inglês: “should the translator be allowed to make us laugh at his own ideas rather than at those of the author? We do not think so”

cionais, sociais e interpessoais específicos (Vandaele b). Pequenas mudanças linguísticas podem, por exemplo, manter “o riso”, mas mudam a dinâmica emocional ou interpessoal específica do humor. Em terceiro lugar, há estudos que se concentram mais na traduzibilidade linguística do que em questões culturais (por exemplo, Antonopoulou,).

Referência principal

Vandaele, Jeroen. “Humor in Translation”. In: Gambier, Yves; Van Doorslaer, Luc. *Handbook of Translation Studies*. vol 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011: 147-152. Online <<https://benjamins.com/catalog/hts.1>> .

Referências suplementares

Antonopoulou, Eleni. “A cognitive approach to literary humour devices: translating Raymond Chandler”. In Vandaele, Jeroen (ed). *Translating humour*. Manchester: St. Jerome, 2002: 195–220.

Deacon, Terrence W. *The Symbolic Species: The Co-Evolution of Language and the Brain*. New York: Norton, 1997.

Del Corral, Irene. “Humor: When Do We Lose It?”. *Translation Review*, 27.1 (1988): 25–27.

Diot, Roland. “Humor for Intellectuals: Can it Be Exported and Translated?: The Case of Gary Trudeau’s In Search of Reagan’s Brain”. *Meta*, 34.1, mar, (1989): 84–87.

Eco, Umberto. *Experiences in Translation*. Translated by Alastair McEwen. Toronto: University of Toronto Press, 2001.

Freud, Sigmund. *Jokes and their Relation to the Unconscious* [1905]. Translated by James Strachey. Harmondsworth: Penguin, 1976.

Goffman, Erving. *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1974.

Laurian, Anne-Marie. “Humour et traduction au contact des cultures”. *Meta*, 34.1, mars (1989): 5–14.

Martin, Rod A. *The Psychology of Humor: An Integrative Approach*. Burlington, MA: Elsevier Academic Press, 2007.

Raskin, Victor. *Semantic Mechanisms of Humor*. Boston: D. Reidel, 1985.

Shultz, Thomas R. “A Cognitive-Developmental Analysis of Humour”. In: Chapman, Anthony J.; Foot, Hugh C (eds). *Humour and Laughter: Theory, Research, and Applications*. New York: Wiley, 1976: 11–36.

Tymoczko, Maria. “Translating the Humour in Early Irish Hero Tales: A Polysystems Approach”. *New Comparison: A Journal of Comparative and General Literary Studies*, 3 (1987): 83–103.

Vandaele, Jeroen. “Humor Mechanisms in Film Comedy: Incongruity and Superiority”. *Poetics Today*, 23.2 (2002a): 221–249.

Vandaele. Introduction. “(Re-)Constructing Humour: Meanings and Means”. In: Vandaele, Jeroen (ed). *Translating humour*. Manchester: St. Jerome, 2002b: 149–172.

Von Stackelberg, Jürgen. “Translating Comical Writing”. *Translation Review*, 28.1 (1988): 10–14.

Recebido em: 10/12/2018

Aceito em: 05/03/2019

Publicado em maio de 2019

Jeroen Vandaele é Doutor pela Katholieke Universiteit Leuven, e é membro efetivo da equipe acadêmica da Faculdade de Artes da Universidade de Ghent (UGhent), atuando na seção hispânica do Departamento de Tradução, Interpretação e Comunicação. De 2008 a 2017 foi professor de Espanhol na Universidade de Oslo (Noruega). Seus principais interesses de pesquisa são Ideologia em Tradução; Franquismo; Comédia; Humor em Tradução; Poética; Estudos Literários Cognitivos; e Narratologia (incluindo narratologia do cinema).

Tiago Marques Luiz. E-mail: markx2006@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4462-3050>